

Retórica e estudos do discurso / *Rethoric and Discourse Studies*

*Lucia Teixeira**

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir as articulações retórica/discurso, tendo como centro das reflexões o livro *Figuras de retórica* do semioticista José Luiz Fiorin. A obra examina a contribuição da retórica clássica aos estudos do discurso e resgata, para ressignificá-la, a noção de ornamento, que relegou a retórica a um simples estudo de figuras. Apresenta estas últimas como operações enunciativas que intensificam o sentido de algum elemento do discurso, o que acaba por lhes restituir sua dimensão argumentativa. O artigo incorpora, à sua própria argumentação, figuras de linguagem e recursos retóricos explicados pelo autor no livro.

PALAVRAS-CHAVE: Retórica; Estudos do discurso; Semiótica; Argumentação

ABSTRACT

*This article aims to discuss the articulation between rhetoric and discourse, basing its reflections on José Luiz Fiorin's *Figuras de retórica [Figures of Rhetoric]* (2014). This work examines the contribution of Classical Rhetoric to Discourse Studies. It retrieves and brings a new meaning to the idea of ornament, which relegated Rhetoric to a mere study of images/figures. It presents figures as enunciative operations that intensify the meaning of some elements of discourse, restituting them with their argumentative dimension. The article incorporates, into its own argumentation, the figures of speech and rhetorical resources that are explained by the author of the book.*

KEYWORDS: *Rhetoric; Discourse Studies; Semiotics; Argumentation*

* Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; CNPq, Brasília, Brasil; luciatso@gmail.com

O título deste artigo só não soa pretensioso em razão de estar associado a um livro que se irá aqui discutir. Não teria eu mesma condições de apresentar, num periódico dedicado aos estudiosos do discurso, uma discussão sobre a retórica clássica e seus desdobramentos, repercussões, retomadas e reconcepções nos estudos mais recentes da linguística e das teorias do texto. Essa é, sem dúvida, uma empreitada para alguém que, além de dominar o assunto, pode organizar a discussão de forma a mostrar não só a tradição histórica que abriga o tema e suas idas e vindas nos estudos da linguagem, mas também a importância atual do assunto na relação que estabelece com os estudos do discurso. Além disso, o trabalho de retomada dos estudos retóricos deve ser feito por autor com erudição suficiente para exemplificações fartas e diversificadas, em que possam ser ilustrados os mecanismos universais de discursivização e textualização envolvidos no campo da retórica. Nesse caminho, defrontei-me com um achado, que desejo compartilhar com outros leitores: a obra *Figuras de retórica* (2014), do linguista e semioticista brasileiro, José Luiz Fiorin.

Achei que seria importante começar a exposição e discussão da temática tratada com uma definição metafórica do livro *Figuras de retórica*, assumindo, por assim dizer, o espírito e o corpo da obra. A primeira ideia que me veio foi dizer que o livro é uma joia. A curiosidade me fez ir ao *google* e digitar a frase “o livro é uma joia”, para verificar de que modo essa metáfora se prestava à qualificação de um livro. Encontrei o sempre modesto Pelé declarando que um livro que fazia sua biografia a partir dos objetos que acumulou ao longo da vida era “uma joia, não sei se mereço tanto”. Achei também um resenhista que dizia, a respeito de um livro sobre a história de Minas Gerais, tratar-se de obra que mostrava bem o “caráter da gente mineira” e, portanto, “uma joia a ser preservada”. Selecionei ainda outra resenha, que dizia, a respeito de um livro de autoajuda, que, apesar dos “muitos erros tipográficos e erros gramaticais” contidos no livro, era ele também “uma joia”. Afastei-me, então, da metáfora, porque não se pode usar para um livro de José Luiz Fiorin essa amplidão de sentidos esparramados e genéricos obtida na pesquisa. Mas, curiosamente, um autor que anda de vez em quando pela mesa de cabeceira de nosso homenageado, o moçambicano Mia Couto, tem uma definição muito próxima da ideia de preciosidade que primeiro busquei. Diz ele: “o livro é uma caixa de tesouros que não encontramos em mais lado nenhum”.

Agora sim, eu podia fazer uma citação. Descontado o fato de que a encontrei numa dessas páginas que trazem lindas passagens sem indicar-lhes a fonte e que, portanto, não devem merecer confiança, a frase de Mia Couto caía como luva para o que eu queria dizer – e esta nova metáfora de cair como luva já indica ao leitor que minha inspiração anda murcha, esquelética, prosopopeia que, ela também, reitera pela escolha o que pretende afirmar no conteúdo.

Deixando de lado essa fieira de figuras que só serve mesmo para mostrar como elas estão em nossa fala o tempo todo, e que nem sempre servem aos bons efeitos estéticos, a metáfora de Mia Couto acrescenta prestígio e conforto à ideia contida em *joia* e eu quase poderia dizer que o moçambicano não pensava em outro livro que não o de Fiorin quando isso declarou e que só pode ser por isso que esta metáfora, e não a de Pelé, me caiu no colo e no agrado para apresentar o livro *Figuras de retórica*.

O que contém uma caixa de tesouros? Segundo o Houaiss (2001), tesouro é, na primeira acepção do dicionário, “conjunto de riquezas de qualquer tipo (p.ex., dinheiro, joias, pedras e metais preciosos, bens valiosos) guardadas ou escondidas”; é ainda, na acepção 2, “lugar onde se guardam e/ou administram as rendas do Estado; erário”, e também, na acepção 3, “coleção de objetos preciosos”, como as “alfaias e ornamentos de valor que se guardam em certas igrejas”. Tesouros são os que estão em nosso imaginário nos navios de piratas ou enterrados em terrenos misteriosos, aos quais se chega por artes do acaso ou dos mapas.

De que moedas e joias se faz o livro do Fiorin? Que caixa de tesouros é este livro de que se fala aqui? Antes ainda de dizê-lo, volto à metáfora de Mia Couto, que não associa o livro apenas a tesouro, mas a “caixa de tesouros”. Envolvendo e protegendo o tesouro numa caixa e designando-o no plural, o escritor parece realçar ainda mais o caráter de raridade, brilho, poder que advém da palavra tesouro e a associa à cintilação de um pensamento. O livro de que se fala é uma caixa de tesouros. Formula-se assim, em sua inteireza, uma metáfora, pela associação de qualidades comuns, pela impropriedade de uma relação. Um livro não é uma caixa de tesouros, mas pode passar a sê-lo, se a ele se atribuem as qualidades das caixas de tesouros que desejaríamos encontrar enterradas em nossos quintais (os quais, aliás, já não temos). Fazemos aqui uma “concentração semântica”, por meio da qual damos “concretude a uma ideia abstrata” e tornamos o sentido mais “tônico”, aumentando-lhe a intensidade.

Estabelecemos uma “compatibilidade predicativa por similaridade” (o livro é como um tesouro, o livro tem preciosidades como um tesouro), restringimos “a extensão sêmica dos elementos coexistentes” (moedas, joias, ouro são elementos que existem nos tesouros mas estão aqui afastados) e, com isso, aumentamos a tonicidade do que é comum ao tesouro e ao livro (brilho, cintilação, luminosidade, poder, valor). E para que fazemos isso? Para argumentar, para persuadir os leitores das qualidades do livro, para dizer-lhes que não podem deixar de lê-lo, para elogiá-lo, reconhecer nele as qualidades de brilho e cintilação do pensamento. Fazemos isso para não os cansar com uma enumeração de qualidades, com uma série encomiástica de atributos, que têm o risco de fatigar o leitor, aborrecer o homenageado e envergonhar esta que escreve.

Também poderíamos definir o livro metonimicamente e diríamos então, por exemplo, que este Fiorin é o coroamento de uma vida acadêmica dedicada ao estudo das relações entre retórica e teorias do discurso, mas também o exemplo mais acabado do casamento de erudição e didatismo. Para estender assim o sentido, designamos a obra pelo autor e transferimos a uma as características do outro. “Este é um Fiorin” significa que este é mais um livro do Fiorin, dotado de todas as características dos livros do Fiorin, o que tanto contempla um campo de interesses (discurso, texto, argumentação, etc.), quanto retém algumas características (clareza, erudição, exemplificação abundante e convincente, inteligência na argumentação, etc.). Fazemos, com a metonímia, uma “difusão semântica”, transferimos, “no eixo da extensão, um valor semântico a outro”, “num espalhamento sêmico”. Com isso, o sentido se acelera, o ouvinte rapidamente associa o “este Fiorin” aos outros Fiorin e a suas características, num processo de intensificação do sentido. Uso a metonímia, assim, para estender o sentido, aumentar-lhe a força pela profusão de associações dela decorrentes, e assim também argumento, convenço o leitor da qualidade do livro.

Mas também uso metáfora e metonímia para fazer aqui um exercício, para mostrar, didaticamente, para que servem no discurso e como se constroem. Utilizo-as para mostrar que aprendi a lição do professor. E se comecei com essa demonstração do valor argumentativo de metáfora e metonímia é porque a força principal do trabalho aqui analisado é a de mostrar o papel discursivo das figuras e dos tropos, a partir da herança da retórica clássica e de reflexão obstinada, densa e madura capaz de articular os retores aos linguistas e estudiosos do discurso.

Examinar a contribuição da retórica clássica aos estudos do discurso, ressignificar a noção de ornamento que relegou a retórica a um simples estudo de figuras e apresentar estas últimas como “operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso”, o que lhes restitui sua “dimensão argumentativa” (FIORIN, 2014, p.10) são os objetivos que, como o leitor verá, são plenamente alcançados. No último parágrafo do prefácio, certas marcas de subjetividade abrem para o leitor o que vai na mente e no coração do professor:

A retórica foi uma aventura do espírito humano para, na construção da democracia, em que são essenciais a dissensão e a persuasão, compreender os meios de que se serve o enunciador para realizar sua atividade persuasória. Este livro é um convite a participar dessa aventura, que visa a tornar os homens mais humanos (FIORIN, 2014, p.11).

Ainda que humanista e democrata sejam denominações cujo sentido pode estar esvaziado de tanto mau uso, corro o risco de enunciá-las aqui, para compartilhar a impressão de que esse professor deixa entrever o gosto pela conversa, pela diferença, o respeito pela palavra do outro e a capacidade de reconhecer quando se engana (talvez ele dissesse, “mas eu nunca me engano!”). Eu diria então que humanista e democrata são condensações temáticas de um modo de ser bastante afinado com o que é esse semiótico, linguista, conhecedor de retórica, capaz de dar às palavras a dimensão intensa que devem ter, como mostrarei adiante.

Em *Linguística e retórica*, estão apresentadas as causas históricas e políticas do desprestígio sofrido pela Retórica, após mais de dois milênios de papel dominante nos estudos de linguagem. “O positivismo científico e a estética romântica” sintetizam os valores que decretam o fim desse prestígio. De um lado, o ideal de “transparência, objetividade e neutralidade do discurso científico”, que constrangia a expressão mais livre, subjetiva e figurada. De outro, o conflito entre a “originalidade, individualidade e subjetividade”, esperadas do discurso literário na estética romântica que se impunha, e “a ideia de um estoque de lugares comuns e de procedimentos à disposição do escritor”, associada às artes da persuasão da retórica.

O autor vai fazendo, de modo sintético, uma narrativa a respeito dessas ondas que atravessam a história, para condená-la sempre a um ir e vir que afinal retoma o mesmo para recobri-lo de novos sentidos e avançar. Assim é que os estudos linguísticos

de um certo período, aquele em que a linguística se firma como ciência, aderem aos princípios formalistas de uma ciência que formula as leis verdadeiras de funcionamento das coisas, para só mais adiante, esgotada e transbordando para o cientificismo, reencontrar o discurso, reconceber a linguagem e restabelecer a relevância dos estudos da persuasão e da argumentação, via pela qual a retórica começa a ser ressignificada. Fiorin oferece, nesse ponto, contribuição inestimável a uma história dos estudos de texto e discurso, ao conceder a Benveniste o lugar que merece como fundador desse novo paradigma, de uma teoria da enunciação que recoloca o homem na vida social, ao compreender o discurso como “atividade social da linguagem” (FIORIN, 2014, p.14).

Mostrando então que é de uma linguística ocupada com o texto e o discurso que advém a aproximação com a retórica, Fiorin passa a apresentar os autores que se dedicaram a construir essa aproximação, estabelecendo dois paradigmas dessa articulação, um construído por Jakobson, outro, sistematizado por Barthes. A diferenciá-los, a concepção de retórica ora como “condição mesma da existência da produção discursiva”, ora como “instrumento ainda válido de análise discursiva” (FIORIN, 2014, p.18). O autor de *Figuras de retórica* seguirá o primeiro caminho, na esteira de Jakobson, de quem passa a apresentar a contribuição fundamental, ao articular os eixos do sintagma e do paradigma às figuras da metonímia e da metáfora, operadas respectivamente por contiguidade e similaridade, para considerá-las os dois modos de organização do pensamento e do discurso. A passagem sobre Jakobson é lindamente exemplificada com as pinturas de Picasso e Dalí.

Gostaria de deter-me nessa passagem por duas razões. Em primeiro lugar, porque as análises oferecem testemunho do rendimento que os conceitos teóricos costumam ter nos textos desse professor/autor. São inesquecíveis suas análises de poemas, de filmes e agora também de pinturas. Ainda que tenha tentado excursionar pela programação televisiva mais popular, ou pelo apelo de peças publicitárias ou de jornais populares – o que fez bem, diga-se – é na esfera dos discursos artísticos que o autor fica livre para exercitar em plenitude seu talento de interpretação e é assim que nos ensina que a análise é um movimento de desconstrução, por meio do qual se perde o efeito de unidade da criação para se chegar a uma unidade de interpretação. A outra virtude da exemplificação com a pintura é a de demonstrar que os mecanismos de

produção de sentido estão presentes em todas as linguagens e nelas se realizam de diferentes modos, provocados pela expressão material que dá forma aos conteúdos.

Foi Paul Claudel quem disse que, para observar um quadro, são necessários todos os recursos da paciência e da sintaxe (2003, p.133). Essa paciência, que Floch tão bem justificou pela necessidade de alhear-se do acessório e da dispersão proposta pela “torrente de imagens” dos apelos visuais do mundo (2002, p.4), faz-se da duratividade da observação, necessariamente contraposta à subitaneidade de um impacto estético. Desacelera-se o impacto, para que ele ganhe sentido, para que vá além da emoção ou do susto. A sintaxe entra necessariamente nesse movimento desacelerado de desconstrução, em que pontos, linhas, cores e movimentos são segmentados para alcançar a composição, a organização que confere à ideia uma forma. É o que faz Fiorin na bela exemplificação das metonímias representadas em *Guernica* de Picasso e das metáforas do *Sono* de Dali:

O quadro *Guernica*, de Picasso, é metonímico. Ele é constituído de elementos que se implicam para mostrar o horror da guerra. No quadro, não há cor, apenas cinza, branco e negro. Nele, não há relevo. A cor e o relevo são dois elementos com que a natureza se dá a conhecer ao homem. Eliminá-los é mostrar que não existe mais natureza e vida, mas tão somente a morte. As figuras dos caídos, bem como as coisas representadas (a lâmpada a querosene, a lâmpada elétrica, as chamas do incêndio, o touro), mostram que os aviadores alemães destruíram a vida, considerada tanto do ponto de vista da natureza quanto da história. *Guernica* representa o horror da guerra, com seu cortejo de destruições. Com ela desaparece a vida, desaparece a arte, desaparece a civilização. Já o quadro *Sono*, de Dali, é metafórico. Nele, representa-se uma cabeça segura por frágeis forquilhas. Tem-se a impressão de que, se uma cair, tudo desabar. Há uma interseção sêmica entre “cabeça segura por forquilhas” e “sono”: a precariedade, a efemeridade (2014, p.15).

A concepção de Jakobson, que aponta para os recursos retóricos como procedimentos discursivos, presentes em todas as formas de manifestação languageira, é herdada no campo da linguística, segundo Fiorin, pela Pragmática e os estudos do discurso, que a desenvolvem em modelos próprios.

Fixemo-nos por um momento na semiótica francesa e na contribuição que o semioticista brasileiro atribui a Zilberberg (2006; 2011), que postulou a necessidade de uma volta à retórica, para incorporá-la à semiótica e dar conta da afetividade e do componente sensível dos discursos. Lembra Fiorin que a retórica tinha entre seus

objetivos não só “mostrar” e “provar”, que dizem respeito ao componente inteligível das linguagens, mas também “deleitar”, “agradar”, “emocionar”, “comover” (2014, p.20), que são da ordem da afetividade. Para exemplificar – e abram-se parênteses para comentar a riqueza da exemplificação, que ultrapassa a função didática de demonstrar, para também deleitar e emocionar o leitor – o autor de *Figuras de retórica* mostra as diferentes leituras possíveis de um poema de João Cabral e lembra que a figuratividade é condição de toda atividade discursiva, não só porque da organização figurativa de um texto decorrem suas interpretações e seus vínculos com a história e a ideologia, mas também porque é o percurso de adensamento do componente figurativo que dá a dimensão do modo de representar e simbolizar do sujeito. Mostra, ainda, com a análise, que a argumentatividade é componente de todo discurso e se faz por dois mecanismos, a implicação e a concessão. “A implicação fala das regularidades” e pode ser observada, por exemplo, no discurso político que associa o crescimento econômico às ofertas de novos postos de emprego (se há mais produção, novos empregos se abrem). A concessão “rompe as expectativas e dá acesso à descontinuidade do que é marcante na vida” (FIORIN, 2014, p.22). Na concessão está o inesperado, o que não se prevê, o modo da concessão é o que permite a Manoel de Barros dizer “tudo o que não invento é falso”.

Fiorin vai então mostrar que “os argumentos repertoriados pela retórica são majoritariamente implicativos”, e adiante explicará que os estudos do discurso, ao herdarem a retórica, reconhecem “uma dimensão argumentativa e uma dimensão tropológica em todo ato de linguagem” e a reconcebem da seguinte maneira: “A retórica é o que perturba a gramática da língua e uma pretensa lógica da linguagem” (2014, p.23).

O lugar dos tropos na argumentação também merece uma longa reflexão do autor. Ele vai demonstrar que as cinco operações da retórica antiga foram divididas em dois grupos, ficando com a invenção e a disposição os elementos destinados a convencer e persuadir, compondo a topologia, que se diferencia então da tropologia, a teoria dos tropos, das figuras, vistas como enfeites, como “luxo do discurso” e, portanto, desnecessárias à argumentação.

Restabelece, na conclusão dessa etapa, que encerra a apresentação teórica e histórica do assunto, a etimologia da palavra argumento, para restituir importância ao

ornato, compreendido então não como supérfluo, mas como brilho, como na raiz *argu-*, que significa “fazer brilhar, cintilar”. “O argumento é o que realça, o que faz brilhar uma ideia” (FIORIN, 2014, p.27), arremata Fiorin.

Em seguida, ao sistematizar as bases para o estudo das figuras, o autor dá consequência a essa afirmativa, ao dizer que “a retórica é a disciplina da impropriedade do sentido” (FIORIN, 2014, p.28). Então o brilho está na impropriedade, a cintilação advém “da inadequação predicativa” e tudo isso está na literatura, na pintura e na conversa rotineira, no desenho da criança e na peça de Bach, no discurso do político, no sermão religioso e na admoestação paterna. É disso que fala o autor, é dessa universalização do emprego de figuras e tropos, é do resultado discursivo disso, da textualização que condensa ou expande, do discurso que intensifica ou minimiza afetos e paixões, da linguagem que acolhe as sensações do corpo e expressa as emoções da alma.

Na sequência dos capítulos, o autor passa a explicar com minúcia, no tom erudito-didático que marca esse e outros trabalhos de sua autoria, cada figura e tropo. Como verá o leitor, a abordagem que propõe é original e produtiva. Afasta-se da simples lista de figuras das gramáticas e associa os procedimentos aos efeitos, buscando entre eles associações, reiteraões e diferenças, em admirável esforço de sistematização. Assim, estão separados tropos lexicais de gramaticais, classificados de acordo com os mecanismos de concentração e condensação ou expansão e difusão que os constituem. A metáfora, por exemplo, está, junto com a prosopopeia e o oximoro, entre os tropos obtidos por concentração semântica; a metonímia, a ironia e a hipérbole fazem parte dos tropos por expansão semântica. Nos mecanismos gramaticais, a silepse exemplifica os tropos por condensação e a enálage, a metalepse e a hendíade, os tropos por difusão semântica. Não importa se muitos estudiosos das linguagens não sabem o que é uma hendíade; provavelmente também poucos saberão o que vem a ser uma epêntese, muito menos uma suarabácti.

Não vou facilitar a vida dos leitores, explicando o que está bem explicado na obra aqui comentada. Mas os convido a ler o livro – e não por isso apenas. Eu os convido à leitura porque se trata de uma contribuição original, relevante e instigante de reconcepção da retórica.

Eu os convido à leitura, porque este Fiorin é uma caixa de tesouros, nele se guardam os segredos da linguagem, nele está o mapa precioso dos roteiros para compreender o sentido. Nele está guardado o saber de um homem dedicado às letras e à linguística, que ali depositou as riquezas de sua vida acadêmica, que são muitas, e teve a generosidade de compartilhá-las conosco.

REFERÊNCIAS

CLAUDEL, P. *L'oeil écoute*. Paris: Gallimard, 2003.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FLOCH, J.-M. *Une lecture de Tintin au Tibet*. Paris: PUF, 2002.

HOUAISS. Dicionário eletrônico da língua portuguesa, 2001. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em 20 de julho de 2015.

ZILBERBERG, C. *Razão e poética do sentido*. Trad. Ivã Carlos Lopes em colaboração com Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: EDUSP, 2006.

ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes em colaboração com Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê, 2011.

Recebido em 27/03/2015

Aprovado em 12/08/2015